

beccol

IMMACULATE
MARGA MARISCAL
GAUDÊNCIO FIDELIS
MACONHA
MUSEU NACIONAL

NÚMERO 69 • SETEMBRO DE 2018



RevistaBecool




@becoolmagazine



ÍNDICE

becool

NÚMERO 68 • JULHO DE 2018

- 
- 4 **CARTA AOS LEITORES**
5 **MISCELÂNEA**
O MÊS EM PÍLULAS
8 **ENTREVISTA**
GAUDÊNCIO FIDELIS
12 **MANUAL**
ESTILO E COMPORTAMENTO
18 **CAPA**
IMMACULATE
30 **ACONTECE**
A CIDADE DA LIAMBA
34 **ARTIGO**
UM PROJETO QUE FRACASSOU
38 **ENSAIO**
MARGA MARISCAL
44 **ESQUENTA**
SEXO, RELACIONAMENTO E ATITUDE
48 **FAZ SENTIDO?**
#ELENÃO
49 **CRÔNICA**
PEG-PAG
50 **CHARGE**
HUMOR



OTRAS COSITAS MÁS

Falta muito pouco para o primeiro turno das eleições e os ânimos estão mais do que acirrados em todo o país. Ao mesmo tempo, outubro é nosso mês de aniversário e nós obviamente vamos tratar de comemorar na próxima edição. Então se você vir a gente feliz não é porque o _____ (insira aqui o nome do candidato) ganhou.

A gente poderia sim falar sobre o clima pesadíssimo da eleição mais maluca da história, mas é aqueles (fazia anos que não usava esta expressão): esta revista precisa manter a fama de isentona progressista (o editor e curador desta revista vai declarar apoio em seu perfil no Facebook. Não segue? Azar o seu).

Mas calma que a gente se posiciona sim! A favor do Queermuseu, com entrevista com Gaudêncio Fidelis, curador da exposição. A favor da maconha medicinal, com matéria sobre a cidade que um dia descobriu que consumia a droga. A favor da preservação de nosso patrimônio cultural, com artigo sobre o Museu Nacional e o projeto de país que queimou junto com ele.

E obviamente, continuamos nos posicionando a favor do conceito de que a nudez é também uma forma de arte, não de pornografia (sério, se você lê esta revista com uma mão só, você está perdendo seu tempo. Vá até www.xvideos.com e seja feliz). "Immaculate", um editorial feito por duas excelentes fotógrafas, estampa a capa deste mês. Há também um ensaio belíssimo com a modelo Marga Mariscal. Imperdível!

A BECOOL 69 está aqui para falar de otras cositas más além da eleição. Boa leitura e vote com consciência no domingo (e não se esqueça dos valores que defendemos nesta revista quando for votar)

EM MEMÓRIA DE MARIELLE

Na última quinta-feira (4), dois candidatos do partido de Jair Bolsonaro, o PSL, destruíram uma placa em homenagem a Marielle Franco. A morte da vereadora foi um dos dois acontecimentos que forçaram esta revista a se posicionar politicamente (o outro foi a eclosão das Jornadas de Junho). O desrespeito à memória de Marielle é mais do que um desserviço, é uma mensagem explícita de "sua dor não me importa". BECOOL repudia este ato e as pessoas que o cometeram.

MISCELÂNEA

MULHERES QUE AMAMOS

LUCIANA MARIANO

Em 1977, o Brasil teria sua primeira narradora de futebol mulher, Luciana Mariano. Na época, a jornalista tinha 21 anos e teve sua estreia pela Bandeirante, no torneio de Primavera. Desde lá sua voz participou de 40 jogos.

Após 19 anos afastada da função, a paulista de Jundiaí voltou para narrar as oitavas de final da Europe League, transmitida pela ESPN. Mas para chegar até aqui, Luciana Mariano precisou trabalhar muito e desenvolver-se por conta própria. Já que quando iniciou a carreira não tinha ninguém para imitar. Sem ter nenhuma outra referência feminina na área ela precisou criar seu estilo.

Tudo começou quando a garota por acaso entrou como capitã de um dos times, em uma partida de sua cidade. Ao terminar o jogo ela foi abordada por uma rádio, por conta de sua voz imponente. A partir daí, começou sua história no jornalismo esportivo. Luciana Mariano se arriscou como repórter de campo e passou a fazer um quadro de entrevistas de torcedores na Rádio Difusora.

Seu talento foi logo notado por Regiane Ritter, uma das mulheres radialistas precursoras no esporte, que a convidou para trabalhar na Rádio Gazeta. Depois, ao conseguir seu DRT (registro profissional) passou a dividir seus dias com Luciano Do Valle. Em entrevista ao espnW, Luciana falou a respeito de quando conheceu o narrado:

“Quando nos conhecemos, o Luciano (do Valle) falou: ‘você vai ser a primeira mulher a narrar futebol na TV neste país’”. disse.

E foi nesse momento que apareceu a oportunidade de se tornar uma narradora de TV, um concurso da Band para a função. Luciana Mariano nunca havia pensado em se envolver em algo do tipo, porém precisava do dinheiro da competição para quitar o carro. O que ela não imaginava era que seu talento faria tanto sucesso, que faria o concurso se encerrar antes da hora.





O Facebook anunciou nesta sexta-feira 28 que até 50 milhões de contas da rede social foram violadas em uma falha de segurança explorada por hackers. A empresa admitiu que as contas sofreram um ataque que permitiu aos hackers roubarem "tokens de acesso", o equivalente a chaves digitais que permitem a entrada nos perfis.

"Está claro que os invasores exploraram uma vulnerabilidade no código do Facebook", disse o vice-presidente de gerenciamento de produtos, Guy Rosen, em um post de blog. "Corrigimos a vulnerabilidade e informamos à polícia".

O CEO do Facebook, Mark Zuckerberg, disse que os engenheiros descobriram a violação na terça-feira 25 e a corrigiram na noite de quinta-feira 27. "Não sabemos se alguma conta foi mal utilizada", disse Zuckerberg. "Este é um problema sério".

Como precaução, o Facebook está temporariamente retirando o recurso "ver como" - descrito como uma ferramenta de privacidade para permitir que o usuário veja como seu próprio perfil aparece para outras pessoas. "Nós enfrentamos ataques constantes de pessoas que querem assumir contas ou roubar informações ao redor do mundo", disse Zuckerberg em sua página no Facebook.

"Embora eu esteja feliz por termos encontrado isso, consertado a vulnerabilidade e protegido as contas que podem estar em risco, a realidade é que precisamos continuar desenvolvendo novas ferramentas para evitar que isso aconteça em primeiro lugar".

O Facebook disse que foi necessária uma "medida de precaução" adicional para redefinir os tokens de acesso para outras 40 milhões de contas onde o recurso vulnerável foi usado. Isso exigirá que esses usuários façam login novamente no Facebook.

"Estamos levando isso muito a sério e queríamos que todos soubessem o que aconteceu e a ação imediata que tomamos para proteger a segurança das pessoas", disse Rosen. "A privacidade e a segurança das pessoas são incrivelmente importantes e lamentamos que isso tenha acontecido".

A violação é o mais recente constrangimento de privacidade para o Facebook, que no início deste ano reconheceu que milhões de usuários tiveram dados pessoais roubados por uma empresa política que trabalhava para Donald Trump em 2016.



A Federação Paulista de Futebol (FPF) definiu, nesta terça-feira, 25, as datas dos jogos das finais do Campeonato Paulista de Futebol Feminino de 2018. O primeiro duelo entre Corinthians e Santos, na Vila Belmiro, será no próximo meio de semana. Já o confronto decisivo acontecerá em sábado de manhã.

O jogo de ida de decisão foi marcado para terça-feira, dia 02 de outubro. O duelo vai acontecer na Vila Belmiro, às 20h30min (horário de Brasília). Na noite de hoje, o Santos anunciou que a entrada será franca para os torcedores.

O jogo da volta, com mando do Corinthians, foi marcado para sábado, dia 06. O confronto será realizado no Parque São Jorge, às 11h (de Brasília).

Corinthians e Santos vão se enfrentar em uma decisão inédita do Paulista Feminino. De um lado, o Corinthians nunca havia chegado na final. O Santos, por sua vez, é tricampeão estadual, tendo ficado com a taça em 2007, 2010 e 2011.

O Corinthians tem a melhor campanha geral do Paulista Feminino de 2018. Em 20 jogos, o Timão acumula 18 vitórias e dois empates, com 65 gols marcados e 13 sofridos.

O Santos é o segundo melhor time do torneio, somando 12 vitórias, quatro empates e duas derrotas. As Sereias da Vila, que têm o melhor ataque, balançaram as redes em 70 oportunidades e sofreram 16 gols.

Para mais informações, curta nas redes sociais



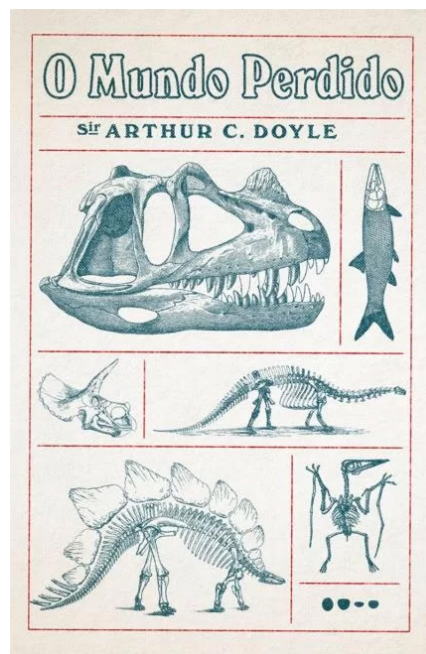
FILME: VENOM

Eddie Brock (Tom Hardy) é um jornalista que investiga o misterioso trabalho de um cientista, suspeito de utilizar cobaias humanas em experimentos mortais. Quando ele acaba entrando em contato com um simbiote alienígena, Eddie se torna Venom, uma máquina de matar incontrolável, que nem ele pode conter.



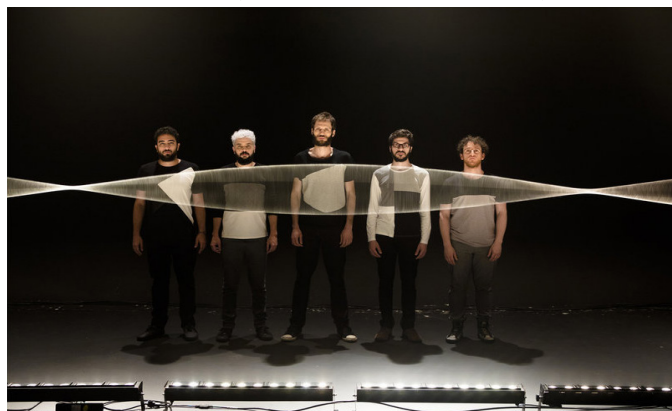
CD: AREMBI

Terceiro álbum de estúdio do cantor e compositor carioca Jorge Ailton traz parcerias inéditas com Lulu Santos, Hyldon, Ronaldo Bastos e Fernanda Abreu, entre outros. Arembi é bumbo no chão, contrabaixo que pulsa. Neologismo que traduz, com perfeição, as intenções do álbum: R&B repaginado de um jeito muito particular, com tarja made in brazil, ou melhor "Brasil", com "S". Com melodias criativas, letras ótimas e cantor de voz cada vez mais apurada, indo do grave ao falsete com muita naturalidade, o "Arembi" de Jorge Ailton veio para ficar. (Lab344, R\$ 29)



LIVRO: O MUNDO PERDIDO

Liderada pelo professor Challenger, um paleontólogo excêntrico e carismático, uma expedição científica parte de Londres para explorar um território longínquo da Selva Amazônica, congelado desde o tempo em que os dinossauros vagavam sobre a Terra. Aparentemente impossível de penetrar, esse mundo perdido apresenta diversos perigos para os quatro membros do grupo, de homens-macaco selvagens a terríveis criaturas pré-históricas. Obra precursora de todos os livros e filmes sobre os dinossauros, o romance de Arthur Conan Doyle – o criador do célebre detetive Sherlock Holmes – foi lançado em 1912, mas permanece um irresistível clássico para todas as idades. (Todavia, 296 páginas, R\$50)



SHOW: 5 A SECO

Donos de sucessos como "Para você dar o nome" e "Feliz pra cachorro", o show promete contar não somente com as novas músicas, mas também com sucessos dos outros CD's. Dia 5 às 22h30 no Cine Jóia: Praça Carlos Gomes, 82, Centro 01501-040. Telefone: (11) 3231-3705. Ingressos: R\$ 35 a R\$ 110.

Gaudêncio Fidelis

“Recebi mais de cem ameaças de morte”

O CURADOR DA EXPOSIÇÃO "QUEERMUSEU" FALA SOBRE OS ATAQUES À EXPOSIÇÃO DE ARTE CANCELADA NO ANO PASSADO EM PORTO ALEGRE E REINAUGURADA NO RIO DE JANEIRO EM AGOSTO

POR MARINA SIMÕES

Inicialmente realizada no Santander Cultural de Porto Alegre, a exposição Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira foi cancelada em setembro do ano passado quando membros do Movimento Brasil Livre (MBL) criticaram o seu conteúdo como imoral e ofensivo. À época, a exposição foi acusada de fazer apologia à pedofilia, pornografia e zoofilia.

Nesta entrevista, o curador da exposição, Gaudêncio Fidelis, avalia que os ataques à Queermuseu demonstram uma tendência no crescimento do conservadorismo e fundamentalismo no Brasil. “Eu recebi mais de cem ameaças de morte. Foi terrível. Não tinha volume dos ataques que recebi. Eu tive que andar com segurança naqueles primeiros dias”, relembra.

A decisão do Santander Cultural de fechar a exposição foi criticada e gerou manifestações em prol da liberdade de expressão. Mas uma onda de apoio culminou com uma campanha de crowdfunding para remontar a Queermuseu, dessa vez no Rio de Janeiro, no Parque Lage, o que levou a um recorde nacional de financiamento coletivo com mais de R\$ 1 milhão arrecadado. Segundo o seu curador, a reinauguração contou com a presença de cerca de 10 mil pessoas e se deve à importância política que a exposição ganhou para além do mundo da arte. “Nunca no Brasil uma exposição permaneceu tanto tempo no debate público”.

MARINA SIMÕES: Vocês apostaram em uma exposição provocativa que tem uma mensagem política. Qual era objetivo?

GAUDÊNCIO FIDELIS: Essa exposição não é uma ideia isolada. Ela vem de um processo e de um conjunto de exposições que venho desenvolvendo há cerca de dez anos e que foi se afunilando para algumas questões específicas que são do meu interesse. E que tem, sim, uma dimensão política.

Por exemplo, tenho um interesse grande nas premissas que formam e constroem o cânone da história da arte. Acho importante que isso seja entendido porque existe uma equivalência na maneira como a institucionalidade constrói essa história e os nossos comportamentos sociais com a maneira como nós vivemos a vida

fora do universo institucional da arte.

É importante considerar que sou um historiador da arte que reafirmo claramente que o cânone da arte é excludente por natureza. Ou seja, daquelas obras mais relevantes, a história da arte exclui uma enormidade de outras. Isso que acontece no âmbito da história da arte tem uma correspondência no que a gente vê dos processos de exclusão no âmbito social. Existe também uma equivalência quando digo que a obra de arte é como um espelho. Quando você ingressa em uma exposição, você projeta nesses objetos os seus preconceitos, a sua história de vida, o seu nível de tolerância ou intolerância. Quando você, por exemplo, diz “eu não gosto dessa obra” ou “ela me causa determinado sentimento”, é porque você projeta nela o olhar, mas ela demanda uma resposta. É importante, também, entender que dentro desse aspecto as suas crenças também são projetadas ali.

MS: Foi justamente esse contato do público com “o outro” que gerou toda aquela reação entre os grupos de direita. Você tinha essa expectativa de que a exposição iria gerar uma reação no público?

GF: Não. Ali [na exposição] existe esse componente, mas ele se agrega a um outro que é circunstancial. Eu já estava detectando desde 2011, de uma maneira muito visível, quando fui dirigir o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que havia um acirramento dos ataques de ódio à produção artística contemporânea. Que não são novos no Brasil e ainda acontecem em várias partes do mundo, que é um certo ódio da arte contemporânea. Só que eles não tinham um caráter moral naquele momento.

Depois, quando fiz a Bienal do Mercosul, nós tivemos ataques enormes à obra do Hélio Oiticica Tropicália, que estava presente na exposição. Ela tinha a inclusão de dois papagaios criados em cativeiro e tinham toda a assistência dos tratadores. E vieram ataques de certos segmentos dos defensores dos animais. Mas a gente detectou que era um ódio



“MINHA DEFESA
SEMPRE É
ARTÍSTICA.
POLÍTICA
TAMBÉM, MAS NO
ÂMBITO DA ARTE”.

direcionado à produção artística. “Ah, arte contemporânea é um lixo” e essas coisas. A bienal foi em 2014 e já ali eu estava detectando que isso estava crescendo.

MS: O que mudou?

GF: Acho que é preciso pôr em perspectiva as circunstâncias que nós já estamos vivendo com o crescimento desses movimentos de extrema direita e ultradireita, o fundamentalismo que vem crescendo de uma maneira rápida e avassaladora e o papel que o MBL desenvolve nos ataques à exposição. Porque são eles que atacam a exposição. Não há ataques à exposição antes deles de nenhuma forma. Não há nenhum descontentamento e a exposição é muito celebrada.

MS: Então você não achava que as pessoas teriam essa reação de ódio?

GF: Acredito que, se a exposição tivesse permanecido mais tempo, ela teria ataques dessa natureza, mas não de uma natureza fascista e organizada como foi o caso do MBL.

MS: Conte um pouco sobre as ameaças que você sofreu. Como você se sentiu?

GF: Cinco membros do MBL, alternadamente, ingressam na exposição, na tarde do dia 6 de setembro de 2017, com câmeras, fazendo vídeos e abordando e assediando os visitantes, dizendo coisas que até hoje tenho dificuldade de repetir. Tem muitos que são difamatórios. Eles continuam esses ataques na sexta e no sábado, e o Santander fecha a exposição no domingo sem consultar a mim, como curador, nem a produção. Foi uma decisão unilateral. Essas narrativas falsas que eles construíram crescem e se juntam a narrativas de grupos ligados ao Bolsonaro e outros setores ultraconservadores da sociedade.

E aí nós temos um dilema. Como é que nós lidamos com uma exposição que está sendo atacada sistematicamente, em que há uma narrativa difamatória que só cresce, e não temos mais a exposição aberta para constatar se o que está sendo dito é verdade ou não? Mas houve uma reação muito impressionante de setores progressistas da sociedade quando mais de 3.500 pessoas se reúnem em frente ao Santander para um protesto em defesa da exposição, convocado em grande parte por organizações LGBT, organizações

de caráter feminista, outras de defesa de trabalhadores sexuais. E se juntam a ela também organizações sociais e sindicatos, parcelas do setor acadêmico, sociedade geral, lideranças políticas. Isso resulta nesse engajamento extraordinário desses vastos setores da sociedade brasileira, e parte da sociedade internacional, inclusive com a campanha de crowdfunding, a maior campanha de financiamento coletivo do país.

MS: Apesar da reação favorável da sociedade, que acolheu a exposição, como você se sentiu quando os ataques começaram?

GF: Sempre defendi arduamente as exposições que realizei. Porque acho que essa é minha tarefa como curador. Mas a minha defesa sempre é artística e conceitual. Política também, mas no âmbito da arte. Quando a exposição fecha, se impõe para mim uma tarefa dentro da qual fui inadvertidamente colocado, a de fazer uma defesa de uma outra natureza. A defesa do mérito artístico da exposição deixei de lado e tive que migrar imediatamente para uma outra defesa, que foi a dos princípios mais elementares da democracia, do direito de acesso. Uma defesa da liberdade de expressão. Eu fiz uma advertência que nunca vou esquecer, quando me pediram para fazer uma fala: “Essa exposição, a partir de hoje, está entregue nas mãos da sociedade brasileira. Eu acredito que a sociedade brasileira irá dar uma demonstração de força e democracia e irá reabri-la em algum momento”.

MS: Você recebeu ameaças pessoalmente?

GF: Eu recebi mais de cem ameaças de morte. Foi terrível. Não tinha volume dos ataques que recebi. Eu tive que andar com segurança naqueles primeiros dias.

MS: Você tomou alguma ação judicial contra esses grupos de extrema direita?

GF: Eu fui muitas vezes questionado sobre essa questão, mas a minha decisão foi estratégica de não fazer isso. Porque entendi que acionar o MBL é irrelevante. A minha estratégia foi promover um contra-ataque de defesa desses princípios democráticos em direção, por exemplo, a setores da classe média conservadora, vários dos quais financiavam o MBL. Direcionar para eles uma mensagem: “Olha com quem vocês estão flertando”.

Porque esses setores, apesar de serem conservadores, são setores diferentes, e nós precisamos, agora, neste momento, distinguir o conservadorismo de um outro território que é o fundamentalismo, o fascismo.

Ao direcionar essa mensagem para esses setores mais conservadores da classe média que estavam dando sustentação financeira ao MBL, nós seríamos mais efetivos. Esses setores, apesar de conservadores, não aceitam a censura em diversos termos. Acho que essa estratégia foi muito efetiva porque o MBL sofreu um dano maior do que eles esperavam. O Kim Kataguirí, em uma entrevista longa, é perguntado sistematicamente sobre a Queermuseu e ele nega que houve. “Não, não era censura, nós não tivemos essa intenção”. Recentemente, agora na abertura da Queermuseu, um órgão de imprensa internacional o entrevistou novamente e ele disse: “Não, aquilo nunca foi censura. Nós queríamos apenas defender que a exposição não fosse financiada publicamente”.

O próprio Marcelo Crivella, prefeito que em determinado momento atacou a exposição e impediu que ela viesse para o Rio, dá entrevista para as “Páginas Amarelas” da Veja, e ele desfaz completamente o assunto, dizendo apenas que não gostava da exposição. Então acho que a reação que a gente promoveu, a estratégia que a gente escolheu, foi acertada. Uma batalha jurídica seria difusa e ineficaz.

MS: Como você vê o papel da própria exposição em desconstruir essa imagem que esses grupos tentaram propagandear?

GF: A exposição agora aberta resolve aquele dilema inicial. É possível constatar que a narrativa difamatória que tinha sido criada em torno da exposição não existe, não tem correspondência na exposição. E estive lá todo o tempo desde a abertura. Eu percorri as filas e conversei com as pessoas, e foi uma experiência excepcional para mim. As pessoas estavam profundamente felizes de a exposição reabrir.

MS: O TJ-RJ derrubou a liminar que proibia a entrada de menores de 14 anos na exposição. Você concorda com a classificação de idade em exposições, adotada em vários outros lugares?

GF: Eu sou absolutamente contra a classificação indicativa para exposições de arte

e já fiz várias defesas públicas sobre isso. Eu participei, por exemplo, de um debate sobre classificação indicativa em que eu concluí da seguinte forma. Primeiro, a inexistência da classificação indicativa para as artes visuais nos termos em que está colocada no Estatuto da Criança e do Adolescente: a ausência dela não foi uma distração, não foi um lobby da comunidade artística. O ECA é muito bem-feito e está fundamentado na ideia de que de fato não existe estudo que prove que imagens de obras de arte produzam trauma ou algum impacto psicológico em crianças e adolescentes. A minha defesa é muito categórica e eu vou persistir nela: que seja mantido o caráter pedagógico que o ECA contém, aquele de que seja destinado aos pais ou responsáveis as decisões que envolvem a maneira como eles desejam criar os seus filhos e propiciar a eles educação e conhecimento. E essa decisão, se for retirada dos pais e jogada para o Estado, estabelecerá mecanismos de censura prévia e assim por diante.

MS: Você acha que toda essa comoção em volta da exposição acabou atraindo um público que talvez não teria ido vê-la?

GF: Para você ter uma ideia, até este momento saíram mais de 2.800 matérias sobre a exposição no mundo inteiro. Ela tem uma repercussão. Nunca no Brasil uma exposição permaneceu tanto tempo no debate público sem cessar.

Porque ela galvaniza esses setores da sociedade mais progressistas em defesa de um universo muito mais amplo que extrapola a exposição, mas para qual a ela serve de plataforma. E essa plataforma não havia sido encontrada até então, com essa possibilidade de radiação ampla. Ou seja, você consegue trazer para uma luta abrangente um universo enorme de pessoas que até então não estavam convergindo para uma defesa sistemática de determinados princípios democráticos. E nada melhor que a arte para ser um instrumento de união.

Por outro lado, não deixa de ser surpreendente que uma exposição de arte, que até então sempre foi considerada uma área elitista, restrita, de pouco acesso, hermética etc., tenha sido justamente aquela que tenha propiciado essa amplitude. ●

O QUE SIGNIFICA INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA?

POR CAMILA NOGUEIRA

Atingir um estado de independência

financeira é a capacidade de viver de modo confortável através de suas economias e investimentos, sem temer uma demissão no trabalho ou instabilidade na empresa, porque você já tem um pé-de-meia preparado para eventuais crises.

Com trabalho duro, determinação e método, somos todos capazes de alcançar tal estado. Trata-se de um plano para o longo prazo, pois é preciso planejamento e paciência para economizar um volume de dinheiro suficiente para deixá-lo tranquilo pelo resto da vida. A jornada será dura, mas as recompensas são grandes:

1# VOCÊ PODERÁ SE DEDICAR A UM TRABALHO QUE APRECIA

É raro que a independência financeira leve uma pessoa a parar de trabalhar. Na verdade, é mais comum que a faça se dedicar a um projeto pessoal pelo qual sinta um maior prazer, sem ter a questão financeira como preocupação principal. Veja, por exemplo, o que disse o blogueiro canadense Peter Adeney:

"O que me chama a atenção é que, quando as pessoas não têm mais a necessidade de se preocupar com questões financeiras, elas raramente param de trabalhar. Em vez disso, começam a fazer o seu melhor trabalho. Quando olhamos para os grandes nomes da nossa sociedade, os líderes mundiais e os fundadores das empresas mais produtivas, é comum encontrarmos pessoas que já ganharam a vida. E elas continuam a trabalhar porque esse trabalho significa algo para elas".

2# VOCÊ PODERÁ SE DEDICAR ÀS ATIVIDADES QUE O FAZEM FELIZ

Dedicar o seu tempo a atividades que contribuem para sua felicidade e desenvolvimento pessoal, sejam elas quais forem, é um imenso privilégio. (Quer

inspirações? Veja a nossa matéria sobre hobbies.) Por mais que possamos encontrar uma grande alegria em coisas que são custam absolutamente nada, há certos prazeres da vida que são dispendiosos – teatros, restaurantes, viagens, etc.

O dinheiro pode não trazer felicidade, mas a ausência dele impõe certos limites ao nosso dia-a-dia. É exatamente como afirma Machado de Assis no conto A Desejada das Gentes: "Escuta, nem divinizar o dinheiro, nem também bani-lo; não vamos crer que ele oferece tudo, mas reconheçamos que dá alguma coisa e até muita coisa".

3# VOCÊ PODERÁ EXPLORAR A SI MESMO

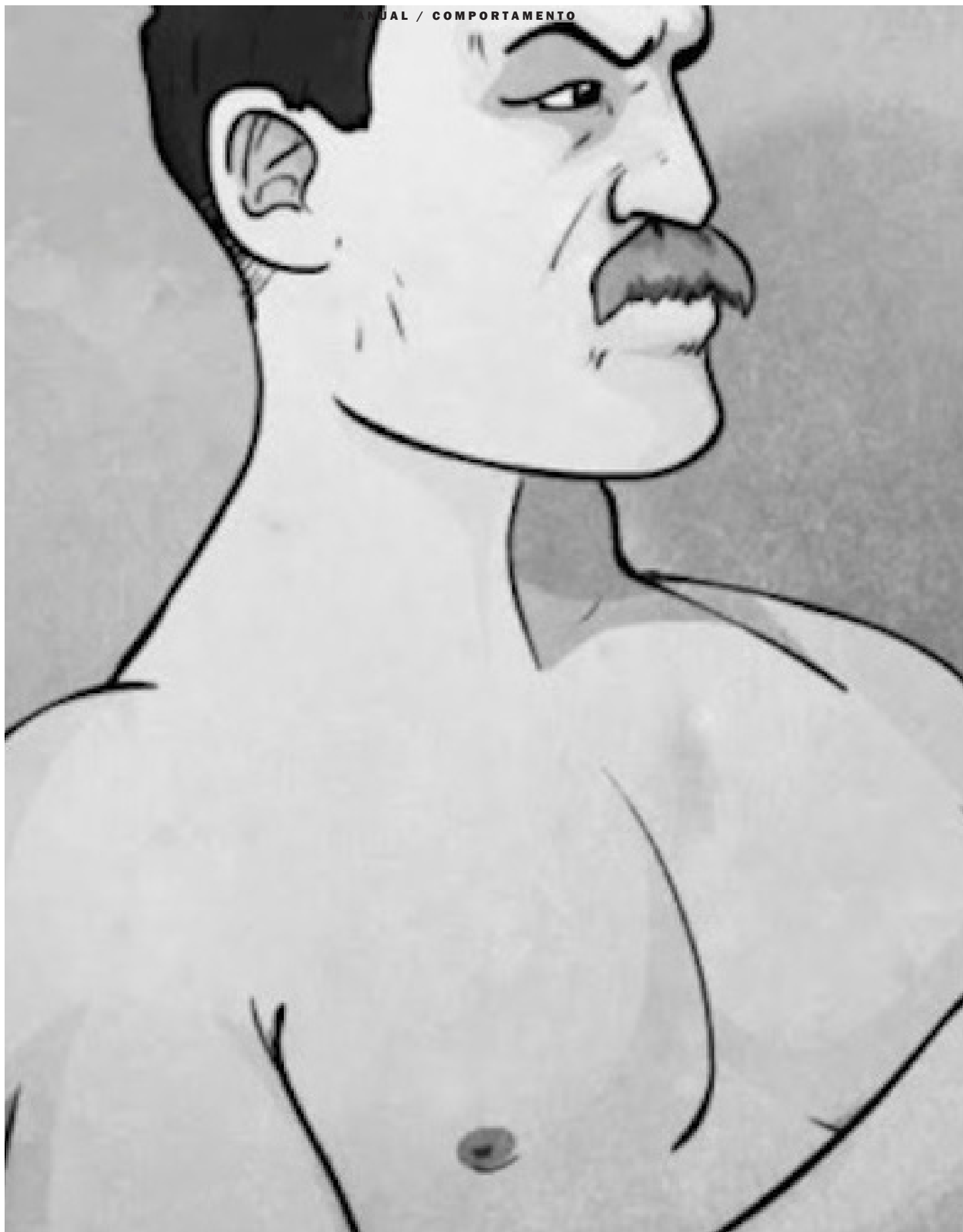
A independência financeira nos oferece mais tempo e recursos para explorarmos a nossa personalidade, os nossos talentos, as nossas habilidades e as nossas paixões. A sua liberdade também estará assegurada. Como dizia o ex-presidente americano Franklin D. Roosevelt: "A verdadeira liberdade individual não pode existir sem segurança e autonomia econômicas", pois você não dependerá do auxílio alheio.

4# VOCÊ PODERÁ PASSAR MAIS TEMPO COM AS PESSOAS QUE AMA

Muitas vezes, acabamos tendo que empregar em nossas profissões o tempo que teríamos gostado de passar ao lado das pessoas que amamos, sejam elas quais forem – namorados, amigos ou familiares.

Se o nosso sustento estiver inteiramente garantido, é provável que encontremos um tempo a mais para dedicar às pessoas cuja companhia nos torna mais felizes. Além disso, você também se encontrará em uma posição muito mais favorável para ajudar aos outros. Que tal fazer uma doação a uma instituição de caridade ou a um abrigo para animais?





MASCULINIDADE TÓXICA

POR CAMILA NOGUEIRA

Você já ouviu falar no termo “masculinidade tóxica”? Em caso positivo, você conhece o seu significado?

Resumidamente, podemos dizer que a “masculinidade tóxica” se refere às características que a sociedade tende a atribuir de maneira estereotipada ao sexo masculino, sendo estas nocivas ou restritivas aos próprios homens ou às pessoas que estão ao seu redor.

Ela é fruto de um conjunto de mitos que a sociedade transmite aos garotos e aos homens sobre o que significa ser um “homem de verdade”, que contém ameaças implícitas ao seu valor à sua identidade caso não ajam de acordo com tais expectativas. Exemplos incluem:

- **MITO #1:** Cabe a um homem estar sempre sob controle e jamais demonstrar tristeza, medo, ansiedade ou vulnerabilidade emocional.
- **MITO #2:** Cabe a um homem fazer sexo sempre que houver oportunidade para tanto, e todo homem cuja libido não funciona adequadamente é desprovido de valor.
- **MITO #3:** Cabe a um homem agir de maneira agressiva.
- **MITO #4:** Cabe a um homem expressar interesse por coisas como futebol, cerveja e sexo. Se não o faz, ele é afeminado.
- **MITO #5:** Não é conveniente que um homem seja delicado ou compassivo.
- **MITO #6:** Cabe a um homem ser forte e poderoso o bastante para conquistar todas as coisas que deseje, tanto para si mesmo quanto para aqueles que ama.
- **MITO #7:** Cabe a um homem ser perfeitamente autossuficiente e atingir o sucesso sem que o auxiliem ou o apoiem de maneira alguma.
- **MITO #8:** Cabe a um homem exercer domínio sobre todas as mulheres de sua vida.
- **MITO #9:** Cabe a um homem exercer domínio sobre os homens mais fracos do que ele.
- **MITO #10:** Cabe a um homem sustentar a casa sozinho e, se ele não conseguir, não é um homem de

verdade.

Ademais, a masculinidade tóxica não se refere meramente às pressões sociais exercidas sobre os homens, mas ao modo como estes lidam com tais pressões.

Há, por exemplo, homens que procuram agir de modo “hipermasculino” com o propósito de evitar quaisquer dúvidas relativas à sua masculinidade. E isso é prejudicial tanto aos próprios homens quanto às pessoas ao seu redor.

Em contrapartida, deve-se dizer que não são apenas os homens que absorvem tais mitos a respeito da masculinidade. Tendo em vista a educação que recebemos, todos o fazemos, e são muitas as mulheres que julgam os homens ao seu redor de acordo com tais padrões, seja consciente ou inconscientemente.

De resto, é importante frisar que trata-se de um padrão inatingível. Ninguém é capaz de exercer controle sobre todas as situações, e ninguém possui a capacidade de viver com saúde e contentamento sem algum apoio de ordem emocional.

Isso significaria que os homens são intrinsecamente tóxicos? É claro que não! Aliás, não significa sequer que a masculinidade seja tóxica por natureza. Trata-se mais de uma questão social que foi fortalecida com o passar do tempo.

E como resolver esse conflito? A questão é se aceitar (e agir) de acordo com sua verdadeira personalidade, sem ceder à pressão de se encaixar em estereótipos. Não que seja fácil. Isso demanda um esforço constante, além de altas doses de autoanálise e reflexão.

Além disso, nada te impede de ser um homem determinado, forte, valente — e incorporar à sua vida características positivas que, tradicionalmente, são associadas ao sexo feminino. Como a sensibilidade, a empatia, o acolhimento.

Por que não querermos o melhor dos dois mundos? A masculinidade e a feminilidade não estão necessariamente em conflito, mas complementam uma a outra e, em maior ou menor medida, estão presentes em cada um de nós.

6 CORTES PARA 2018-19

POR PEDRO NOGUEIRA

Não existe maneira melhor de renovar o visual do que atualizando o seu corte de cabelo. Ele é o cartão de visitas mais eficiente que um homem pode ter, seja na hora de paquerar ou para causar uma boa impressão em ambientes profissionais. Você quer renovar o seu estilo, mas não sabe por onde começar? Veja seis tendências de corte de cabelo masculino para 2018/19.



1# CREW CUT

As laterais ficam raspadas, com a parte de cima aparada na tesoura. Uma vantagem desse corte? A manutenção é incrivelmente simples. Você vai arrumar o cabelo em 5 minutos de manhã.



2# MESSY QUIFF

O quiff é uma versão atualizada do topete clássico. Em vez de ser rígido, esse corte tem uma característica mais texturizada e movimentada no topo, como se estivesse cuidadosamente bagunçado.



3# TOP DREADS

O dread é um dos penteados mais tradicionais da história. Essa versão modernizada traz laterais raspadas com a parte superior jogada para cima, proporcionando uma leve queda ao final do cabelo.



4# CLASSIC SIDE PART

Outro clássico da moda masculina é o side parte. A parte superior do cabelo é aparada com tesoura e penteada para o lado. Nas laterais, o barbeiro pode raspar ou aparar, como você preferir.



5# SHOULDER LENGTH

Você curte cabelo comprido? Então essa é para você. Deixe ele crescer até a altura dos ombros, com bastante volume, e jogue tudo para um lado, criando uma espécie de franja longa.



6# CURLY UNDERCUT

Uma opção para quem tem cabelo cacheado ou afro: o curly top, que tem as laterais baixas e o topo alto. Na hora de pentear, você pode brincar bastante com o cabelo e deixar bagunçado.

A black and white photograph of two women lying on their backs on a rough, textured rock surface. They are both looking upwards with their eyes closed, appearing to be in a state of relaxation or meditation. The woman on the left is slightly higher up than the one on the right. The lighting is dramatic, highlighting the textures of their skin and the rock. The text 'IMMACULATE' is overlaid in the center in a large, bold, serif font.

IMMACULATE

EDITORIAL POR REMI KOZDRA E KASIA
BACZULIS



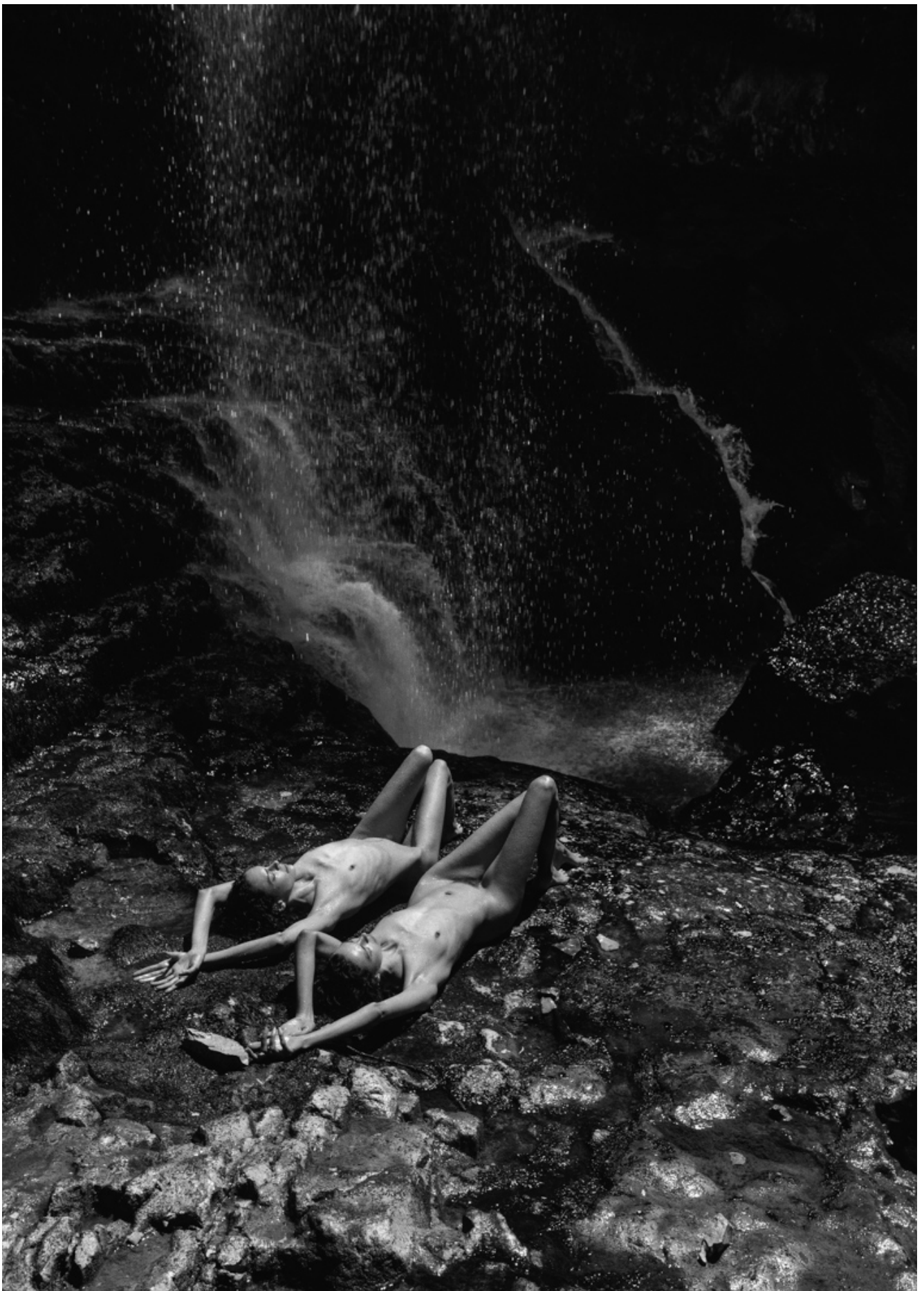
























A CIDADE DA LIAMBA

**A HISTÓRIA INACREDITÁVEL DE CRUZETA, NO RIO GRANDE DO NORTE, CIDADE ONDE
SE DESCOBRIU MACONHA PLANTADA EM PRAÇA PÚBLICA E ATÉ CEMITÉRIO - E OS
MORADORES NÃO SABIAM DE NADA**

POR VINÍCIUS LEMOS

A LIAMBA PODE
SER MENOS
ALUCINÓGENA
QUE A MACONHA
COMUM

Era noite de sábado, no início de junho de 1996, quando a delegacia de polícia de Cruzeta recebeu uma denúncia anônima sobre um suspeito que estaria vendendo maconha em um bar, em uma região próxima à saída da cidade.

Os policiais foram ao local e encontraram um rapaz com uma pequena quantidade da droga. Eles descobriram que, minutos antes, o jovem havia jogado uma sacola de plástico por cima de um muro, em um terreno vizinho ao bar.

Na sacola foram encontradas diversas folhas de uma planta de cor verde, aparentemente recém-colhida, semelhante à maconha. O suspeito foi preso e encaminhado à delegacia, onde declarou ter conseguido a erva no quintal de um idoso de Cruzeta.

Na segunda-feira seguinte, a polícia do município obteve um mandado de busca e apreensão, expedido pela Justiça, que permitiu que fossem até a residência de João*, o idoso apontado pelo rapaz, na época com 63 anos. No muro da casa dele encontraram uma planta de três metros de altura.

Segundo a polícia, João pediu para que não cortassem a planta. "Ele tinha vários tambores com a erva curtida em água, consumia diariamente e tratava aquilo como um líquido santo", relata a professora Renilda Medeiro, de 54 anos, que mora em Cruzeta desde a infância. Segundo ela, o idoso tinha câncer e acreditava que o líquido o ajudava na luta contra a doença. "Ele dizia que a planta aliviava todas as dores que sentia e impedia que a doença avançasse."

Muitos moradores de Cruzeta, ao saber dos benefícios que João afirmava conseguir com a erva, haviam pedido mudas ao idoso. Em depoimento, prestado em setembro de 96, João declarou que a planta estava na sua casa havia oito anos, desde que sua mulher trouxera a erva da casa de uma irmã, em Natal (RN). O idoso afirmou que a utilizava para curar doenças. "Ele (João) disse que várias pessoas pediam galhos para fazer remédios. João nunca soube se alguém usava a mesma como entorpecente", narra parte do inquérito.

Foram encontradas plantas em, ao menos, seis residências de Cruzeta e em locais como a praça principal perto da prefeitura, em um cemitério e em frente a uma igreja. "Algumas chegavam a seis metros de altura", relata o

escrivão do cartório de Cruzeta na década de 90, Pedro George de Brito. "As praças de Cruzeta eram bastante arborizadas. Em uma dessas, acabaram plantando maconha", comenta Renilda.

Nas residências em que foram encontradas as plantas, viviam pessoas acima de 50 anos, que acreditavam nos benefícios trazidos pela erva para a saúde. Elas a utilizavam para diversos tipos de mazelas: dor de cabeça, problemas respiratórios, epilepsia, reumatismo, enxaqueca, entre outras dificuldades.

"Tudo era tratado com o chá da planta. Bastava a notícia de que alguém estava padecendo com algum problema de saúde que chegava a notícia do chá milagroso", declara Brito. A planta era usada de duas formas: curtida em água ou álcool, ou em um chá feito com as folhas.

Lúcia*, na época com 30 anos, em depoimento à polícia de Cruzeta, relatou que plantou a erva em sua residência. "Ela disse ter chegado a usá-la como medicação, pois estava sentindo uma dor na coluna e ficou curada, por meio da planta. Ela não sabia que era maconha", relata trecho do inquérito policial.

Conforme Renilda, que afirma nunca ter utilizado a erva, era comum os idosos recorrerem à planta. "Eles sentiam muitas dores musculares e tomavam esse chá para melhorar", conta. Ela ressalta que os mais jovens também usavam para fins medicinais. "Muitos sentiram melhoras na saúde como em problemas de resfriados, asma e cansaço."

"Até onde temos conhecimento, ninguém nunca chegou a usar para fins recreativos ou algo assim", acrescenta.

Meses depois de retirarem a erva da residência de João, Renilda relata que o idoso morreu. "O pessoal diz que o que o mantinha vivo e controlava o câncer dele era a planta", afirma. Segundo ela, outra idosa, que também consumia o chá e tinha uma plantação em casa também teve problemas depois de a erva ser apreendida. Apesar dos moradores acreditarem que as plantas mantinham os idosos bem, não houve nenhuma comprovação médica.

A Justiça determinou que fossem cortadas e apreendidas todas as plantações de maconha da cidade. O caso repercutiu na região e diversos

moradores foram à delegacia somente para conhecer a famosa planta.

"Na época, existiam duas correntes, uma a favor e outra contra a planta. Muita gente achava um absurdo mandar cortar aquilo, porque não fazia mal. Mas havia outros que eram a favor de retirar as plantas da cidade. O certo é que a polícia fez o que deveria ser feito", declara o juiz Sérgio Dantas, que na época era o responsável pela comarca de Cruzeta.

Logo após ser apreendido e permanecer em observação por dias, o material foi incinerado em fornos das indústrias cerâmicas da cidade.

Parte dos itens, em vez da incineração, foi encaminhada ao Instituto Técnico-Científico de Perícia do Rio Grande do Norte (ITEP-RN), para análise. O laudo identificou a erva como liamba. "É uma Cannabis sativa, uma das formas como é popularmente conhecida a maconha", explica Renato Filev, pesquisador do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Entre os moradores de Cruzeta, houve relatos de pessoas que chegaram a tentar fumar a planta, como foi o caso de Francisca*, na época com 37 anos. "Ela disse que já fumou, mas não sentiu nenhum efeito. Não sabe dizer se alguém usava como droga. A mulher sabe que se misturada com uísque, a erva tem efeito entorpecente", relata trecho do inquérito.

Segundo Filev, a liamba pode ser menos alucinógena que a maconha utilizada para fins recreativos. Isso porque esta última costuma apresentar teor de canabinoides - o princípio ativo - em maior quantidade.

O estudioso pontua que a liamba tem função terapêutica. Diversos medicamentos à base de canabidiol, um dos princípios ativos da Cannabis sativa, são desenvolvidos em todo o mundo para inúmeras finalidades medicinais.

No Brasil, plantar maconha é crime. Conforme a Lei das Drogas, de 2006, a pessoa que tiver uma plantação considerada pequena poderá sofrer penalidades semelhantes às aquelas aplicadas aos que se enquadram como usuários. Nesse caso, podem ser determinadas punições como advertência, prestação de serviços à comunidade e multa.

Em caso de grandes plantações, a situação

é equiparada ao tráfico e a pessoa pode ser condenada à reclusão de cinco a 15 anos, além da aplicação de multa.

No Supremo Tribunal Federal (STF), tramita um processo que trata sobre a descriminalização do uso de drogas. O placar atual é de três votos a favor da medida - do relator Gilmar Mendes e dos ministros Edson Fachin e Luis Roberto Barroso.

A votação está interrompida desde setembro de 2015, quando o ministro Teori Zavascki pediu vista do processo. Não há prazo para que o procedimento seja retomado.

"Caso a descriminalização seja aprovada, é provável que as plantações para consumo próprio também deixem de ser crime", explica o advogado criminalista Marcelo Valdir Monteiro, mestre em Direito Penal pela USP. Segundo ele, será, nesse caso, necessário estabelecer a quantidade considerada como consumo próprio.

No caso de Cruzeta, a legislação em vigor em 1976 determinava que usuários e pessoas que tinham pequenas plantações de maconha poderiam receber penas de reclusão de seis meses a dois anos. Logo após concluir as investigações sobre o caso, o delegado apontou que não havia indícios de que os moradores da cidade usassem a planta como entorpecente. "Eles cultivavam a referida para curar doenças e para cicatrizar cortes", concluiu o inquérito, arquivado sem que ninguém fosse indiciado.

Para Renilda, que se diz favorável à descriminalização das drogas, Cruzeta foi pioneira no tema no Brasil. No entanto, segundo ela, "há muitos moradores que não concordam" com isso.

A professora ressalta que as plantações se tornaram um fato histórico para o município. "No começo, foi tenso, mas depois começamos a achar engraçado, pois envolveu gente acima de qualquer suspeita", declara. "A questão das ervas foi uma coisa até que corriqueira. Mas a notícia que mais surpreendeu a todos foi assistir a Cruzeta no Fantástico. Ninguém nunca imaginou que a nossa cidadezinha pacata fosse aparecer para todo o Brasil, ainda mais dessa forma", comenta.

**Os nomes verdadeiros dos moradores da cidade foram alterados ●*





UM PROJETO QUE FRACASSOU

O MUSEU NACIONAL E OUTROS PROJETOS DE D. PEDRO II, HOJE CRITICADOS POR SEU VIÉS ELITISTA E ETNOCÊNTRICO, FORAM UM GRANDE IMPULSO NA CONSTRUÇÃO DE UM ESBOÇO DE NAÇÃO

POR FÁBIO TEIXEIRA DE SÁ E REGIANE OLIVEIRA

NO BRASIL, ATUAR NA CULTURA SEQUER É CONSIDERADO TRABALHO

Relatos sobre o abandono do Museu Nacional deixaram atônitos muitos brasileiros que assistiram pela televisão às labaredas consumirem 200 anos de pesquisa. É impossível não sentir uma certa resignação com a tragédia. Afinal, o Museu Nacional não é o primeiro a ter este destino, e não há indícios de mudanças para que seja o último. A sensação é que naturalizamos a ideia que a cultura não faz parte do projeto de Brasil e, por isso, é normal vê-la destruída. É só acompanhar os comentários de internautas satisfeitos com o incêndio nas redes sociais: "Segue o baile! Se não há vítimas, deixa queimar essa história comunista que criaram", afirmou um entusiasta da tragédia. "Um gasto a menos nos cofres públicos", disse outro.

Mas há de existir algo mais entre o descaso e a conformidade.

A história do Museu Nacional é a história de um projeto civilizatório para o Brasil que fracassou. Embora a discussão sobre o que é "civilização" seja, hoje em dia, alvo de discussões, a ideia da família real portuguesa ao fugir para o Brasil era muito clara: trazer para os tórridos trópicos as boas maneiras, as artes e a cultura europeia. D. João VI, rei português, para além de todo um aparato político institucional, precisava também da criação de um aparato intelectual que tornasse legítima a Corte portuguesa trasladada para a América do Sul. Assim o Museu Nacional funcionou como uma das formas de validação do Império Português, agora em outras terras.

Criado via decreto de 6 de junho de 1808 com a função de "estimular os estudos de botânica e zoologia", o museu não tinha acervo e começou com pequena coleção doada pelo próprio João VI e, posteriormente, aumentada por seu neto e imperador, D. Pedro II. Vale lembrar que Pedro (segundo) é um desses personagens peculiares de nossa história. Aclamado imperador aos quinze anos, em 1831, ele teve uma educação baseada nas ideias de seu principal tutor, o Marquês de Itanhaém. Sua educação baseava-se em "uma mistura de iluminismo, humanismo e moralismo", que o tornasse, nas palavras do historiador José Murilo de Carvalho, "um monarca humano, sábio, justo, honesto, constitucional, pacifista, tolerante".

Era também viajante contumaz para Europa e Estados Unidos. Suas viagens eram marcadas pela visita a instituições culturais, de educação e ciência e a lugares históricos. Algumas das peças que mais chamavam a atenção do Museu Nacional, e que foram destruídas no incêndio, eram as múmias adquiridas em sua visita ao Egito. Ele se correspondeu com Nietzsche, Lewis Carroll, Júlio Verne e Victor Hugo. Foi amigo do astrônomo Camille Flammarion. Esteve nos Estados Unidos, em 1876, quando Alexander Graham Bell lançou o telefone. Se entusiasmou pela invenção e logo a trouxe para o Brasil. Financiou o cientista Louis Pasteur. Apoiou o projeto do empreendedor Irineu Evangelista de Sousa, o Visconde de Mauá, de trazer fazer a Estrada de Ferro Dom Pedro II. Financiou a primeira expedição brasileira à Antártida, e muitos outros projetos que, hoje criticados por seu viés elitista e etnocêntrico, foram, sem dúvida, um grande impulso na construção de um esboço de nação. Mas esse esboço não saiu realmente do papel.

O Museu Nacional era apenas um dos instrumentos civilizatórios do Império. Outras instituições eram a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico do Rio, a Imprensa Régia (atual Imprensa Nacional), a Casa de Suplicação (que mais tarde se tornaria o Supremo Tribunal Federal), o Banco do Brasil, a Academia Real da Marinha e a Escola Real de Ciências, Artes e Ofício (atual Escola de Belas Artes), além da Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação (mais conhecida como Junta do Comércio).

Não é preciso conhecimento histórico para saber quais dessas instituições cresceram e prosperaram, e quais ficaram relegadas ao esquecimento. Quantas pessoas conhecem o STF ou o Banco do Brasil e quantas sabiam até o incêndio que existia um Museu Nacional no Rio? Qual você consideraria mais importante? Há razões porque as instituições culturais tem sido sendo lentamente apagadas. Com a proclamação da República, em 1889, e com boa parte das forças políticas defendendo ainda a monarquia, muitos republicanos se viram, de certa maneira, impelidos a deixar de lado qualquer ícone ou projeto que lembrassem o império.



Além disso, a ênfase na economia e no progresso material, de maneira desordenada, sobretudo a partir do começo do século XX impeliu o país a relegar e a enxergar o passado como algo velho e sem uso prático, abdicando de sua memória. É nesse contexto que o Brasil se torna o eterno "país do futuro", aquele de Stefan Zweig. Neste futuro, há uma cultura que tem importância, mas essa não é a do acesso para todos. Ela está nos grandes museus da Europa e Estados Unidos, nos mesmos lugares onde D. Pedro II ia para buscar inspirar. "No Brasil, temos a ideia de que a cultura é a 'salvação' para todas as nossas misérias, mas ao mesmo tempo só é digna de acessá-la quem

é 'de bem', ou tem algum dinheiro", desabafou nas redes sociais a historiadora Deborah Neves, especialista em patrimônio histórico.

Nesse Brasil, atuar na cultura sequer é considerado trabalho. A rejeição da história como coisa de "esquerdista" está nas redes, mas também no projeto da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, que tenta abolir a disciplina. A história se tornou um supérfluo e também uma maneira de distinção. Não gera riqueza, só prazer. E prazer é só para quem pode manter a vida nababesca de um imperador-menino visitando grandes museus ao redor do mundo. ●



**MARGA
MARISCAL**
POR MARTIN SARRABAYROUSE











COMO LIDAR COM A SOLIDÃO

POR CAMILA NOGUEIRA

Mesmo em um mundo conectado como o nosso, é comum que as pessoas se sintam sozinhas. Se você está passando por isso, saiba que há diversos modos de lidar com a solidão. Reunimos 7 conselhos. Olha só:

DESCUBRA A RAZÃO PELA QUAL SE SENTE SOLITÁRIO

Nós não nos sentimos solitários apenas porque estamos desprovidos de companhia. Não é incomum estarmos cercados de pessoas e, ainda assim, nos sentirmos tristes.

Para combater o sentimento de solidão, devemos começar fazendo a seguinte pergunta a nós mesmos: o que está faltando? Depois, é hora de se aprofundar um pouco mais no tema:

- Quais os motivos que o levam a se sentir assim?
- A carreira que escolheu não permite que conviva constantemente com outras pessoas?
- Você mora muito longe de seus familiares?
- Você possui algum tipo de ansiedade social?

APAIXONE-SE PELA SUA COMPANHIA

Uma das maneiras mais efetivas de combatermos o sentimento de solidão é desenvolver uma maior afeição pela nossa própria companhia.

Ao fazer isso, deixamos de colocar uma expectativa alta demais nas outras pessoas — e de atribuir a elas a responsabilidade pela nossa felicidade. E qual é o caminho para se apaixonar pela sua própria companhia? Comece saindo sozinho uma vez por semana. Vá a um restaurante, ao cinema, ao parque, o que quer que desperte o seu interesse.

DESENVOLVA UMA ATITUDE POSITIVA E OTIMISTA

Muitas vezes, as experiências negativas que tivemos no passado fecham os nossos corações e os nossos horizontes. Isso acontece porque estamos naturalmente condicionados a tentar evitar ao máximo a repetição de uma dor que já experimentamos. No entanto, essa atitude muitas vezes nos impede de criar vínculos sociais — e essa ausência de vínculos é um dos principais motivos que causam a solidão.

São muitos os benefícios da adoção de uma atitude mais positiva em relação à vida. Em primeiro lugar, isso vai suavizar o impacto e as consequências dos traumas passados, mantendo a nossa mente focada no presente

e permitindo que nos concentremos nele com energia e determinação.

FAÇA CURSOS SOBRE ASSUNTOS QUE TE INTERESSEM

Cursos costumam desenvolver o nosso intelecto, aprimorar o nosso currículo e expandir a nossa rede de contatos, mas isso não é tudo! Eles também permitem que conheçamos pessoas que possuem interesses parecidos com os nossos, oferecendo a chance de criarmos relacionamentos frutíferos e, por vezes, até mesmo duradouros.

A oportunidade de interagir em uma base diária ou semanal com indivíduos com os quais dividimos interesses, paixões e valores consiste em um dos melhores antídotos contra a solidão.

PASSE ALGUM TEMPO LONGE DAS REDES SOCIAIS

Várias pesquisas indicam que as redes sociais fazem com que as pessoas se sintam mais solitárias do que o normal. De maneira geral, elas também tendem a abalar a nossa autoestima. Portanto, passe algum tempo afastado das redes sociais. As experiências pessoais de contato são bem mais preciosas do que as digitais.

LEIA BASTANTE

Poucas coisas são tão efetivas para combater os sentimentos de solidão quanto uma boa leitura. Os livros, contanto que não prejudiquem a nossa vida social, nos mantêm entretidos e nos levam a um novo mundo. A leitura é uma excelente maneira de ampliar seus horizontes.

AJUDE AS PESSOAS

“Se você quiser que os outros sejam felizes, pratique a compaixão. E se você quiser ser feliz, também pratique a compaixão”, disse Dalai Lama. Fazer o bem ao próximo podem ajudá-lo a se sentir mais feliz e a aprender a cultivar uma maior dose de gratidão no que se refere à sua própria vida.

Não importa muito o que você fará para ajudar uma outra pessoa — sorrir e ser amigável, doar um item que não tem mais utilidade para você, fazer uma visita a um asilo, comprar um alimento para um morador de rua. Há inúmeras maneiras de utilizar os seus talentos e os seus conhecimentos de modo a exercer uma influência positiva na vida de outras pessoas.



COMO DURAR MAIS

POR WILLIAM AMORIM

A ejaculação precoce é um problema que pode afetar a autoestima e a confiança do homem, além de interferir no prazer e na vida sexual do casal. Especialistas respondem o que fazer para demorar mais para ejacular..

O primeiro passo é tentar identificar o motivo dessa ejaculação precoce, mas Alex Meller, urologista da UNIFESP e membro do corpo clínico do Hospital Israelita Albert Einstein, explica que essa não é uma tarefa fácil, pois não há uma causa única e específica para o problema.

“Acredita-se que pode ter a ver com um mecanismo de liberação da serotonina, ligado a casos de ansiedade e depressão. Também pode ter a ver com inflamações na próstata e com a disfunção erétil. O medo do homem de perder a ereção pode ser um fator que afeta a questão física e atrapalha”, elenca o especialista.

Para tentar descobrir a causa do problema, Meller indica fazer uma terapia de casal. Segundo ele, tentar ignorar dessa disfunção pode gerar ansiedade, um dos fatores psicológicos que costumam a levar à ejaculação precoce. Fora isso, empolgação em excesso, tensão e dificuldades no relacionamento são outros fatores prejudiciais.

O psicólogo e doutor em neurociência do comportamento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie Yuri Busin ressalta que esse problema é algo comum de acontecer com os homens e existem muitos tratamentos que podem ajudar a resolvê-lo. O grande impasse é que isso pode gerar um sentimento de vergonha no homem, ele acaba não procurando ajuda e nem conversando sobre o assunto com ninguém e sofre sozinho.

“A melhor forma é buscar um psicólogo e um médico. Ambos irão ajudar a controlar isso e melhorar a sua vida sexual. O que geralmente acontece é que o sujeito passa por essa situação algumas vezes e cria um padrão de ansiedade que isso irá acontecer novamente, ficando nervoso e ansioso antes do ato”.

De acordo com o urologista, uma prática que pode ajudar na questão da ejaculação precoce é a masturbação. “Com a masturbação o indivíduo pode ‘treinar’ a questão da ejaculação precoce e consequentemente prolongar a relação sexual. O treinamento ao se masturbar é ele chegar próximo ao momento do orgasmo e saber controlar”, explica Meller.

Uma dica simples do médico é, durante o ato de se masturbar, contrair o assoalho pélvico ou

fazer uma pressão leve na glândula, que reflete também na contração do assoalho pélvico, e isso pode ajudar o homem a conseguir se controlar mais.

Segundo Meller, outra coisa que pode ajudar o homem a demorar mais para ejacular é usar preservativos de efeito retardante, mas ele também alerta que é bom conversar com a parceira porque há relatos na literatura que documentam que algumas mulheres sentiram alterações na sensibilidade da vagina após o uso desse tipo de camisinha, causando dormência e irritação.

Francisco Angelo, gerente de Marketing LATAM da DKT International, empresa responsável pela marca Prudence, explica que os preservativos com efeito retardante possuem uma substância chamada benzocaína na composição do gel lubrificante que reveste o preservativo.

“A substância é um anestésico local, absorvido de forma rápida pelas mucosas, que atua bloqueando a condução de impulsos nervosos. Por isso, quando presente no preservativo, contribui para o retardamento da ejaculação”, fala Angelo.

Por outro lado, o especialista diz que quantos mais estímulos o homem recebe durante o sexo mais fácil fica para ele gozar. Por essa razão, Angelo indica a quem sofre de ejaculação precoce evitar usar as camisinhas mais finas, pois elas oferecem maior sensibilidade para o pênis. Gel ou spray à base de lidocaína também são produtos que podem ajudar a aguentar mais tempo antes de ejacular.

Além de pensar no preservativo que vai usar, o representante da Prudence aconselha testar diferentes posições sexuais para encontrar uma que seja mais favorável e prolongue o tempo de penetração. “Outro método muito positivo é se concentrar ao máximo nas preliminares, aumentando assim o tempo de duração”.

Por fim, o psicólogo acrescenta que é extremamente importante, o casal ter um diálogo aberto, independente da situação que esteja passando. Então não tenha medo de expor o problema para a parceira e nem de conversar sobre sexo com especialistas. “Explicar seus sentimentos ajudará a construir um novo, e ótimo, ambiente sexual. Caso seja um relacionamento novo, ou uma primeira transa, o diálogo será mais difícil. Mas vale ressaltar que a melhor ajuda será buscar um psicólogo e um médico”, aconselha Busin.

#ELENÃO

POR MÔNICA DE SOUZA

Esqueçam Anitta, sério. Ela não é das nossas. Nós precisamos de um alvo mais certo. Uma pessoa que é de esquerda, mas no armário. Que me contou recentemente ter 90% de certeza que vai votar Haddad e 100% de que vai votar Suplicy. Uma pessoa que abandonou o Twitter não para fugir do debate político, mas porque a maioria das pessoas que segue estão totalmente dispostas a constrangê-lo pelas suas escolhas políticas quando descobrirem quais são.

Esta pessoa é o meu chefe nesta revista.

Tudo bem, eu confesso: estou sugerindo isso pois estou tentando convencê-lo a twittar #EleNão desde que a campanha começou. E com ele não adianta argumentar que não e posicionar ajuda a direita hidrófoba que é contra tudo o que esta revista acredita. Ele vai sempre contra-argumentar que é direito dele não opinar (sim, quando ele defende a Anitta está se defendendo junto) e que a BECOOL não é uma revista política no sentido de cobrir o dia a dia de quem exerce o poder em nome do povo, mas no sentido de compreender, no campo do comportamento e da vida social, como as pessoas em nome das quais se exerce o poder são afetadas por essas decisões.

Ele explica citando a Realidade, a revista que o convenceu a escolher o jornalismo como profissão (coitado). Ela desafiou e incomodou a ditadura sem nunca apoiar um candidato ou criticar enfaticamente algum político. As edições da revista que eram apreendidas sempre tratavam de algum ponto polêmico relacionado a comportamento. Para ele, é assim que você incomoda um poder de extrema direita: reafirmando seus valores liberais. Foi assim, insiste, que a direita ocupou o debate político durante o governo Dilma. Não só criticando Dilma diretamente, mas reafirmando seus valores reacionários via Cidade Alerta, Rachel Sheherazade, TV Revolta, memes de Facebook, etc.

Seria este o papel da BECOOL: reafirmar valores liberais e progressistas junto aqueles que votam, e não junto aqueles que são votados. Mas eu tenho um problema com esta teoria: Bolsonaro é um risco maior do que imaginamos. E não é à toa que a Penthouse, uma revista pornográfica, começou a encampar

a oposição ao governo Trump nos EUA.

Trump é uma negação dos valores desta publicação, assim como Bolsonaro é uma negação total dos valores da BECOOL.

Escolhemos respeito total à diversidade de expressão da sexualidade, ele acha que isso é um problema e quer controlar o que duas pessoas fazem juntas. Nós acreditamos em liberdade de expressão artística, ele acha que liberdade demais atrapalha. Nós defendemos o direito da mulher ao próprio corpo, ele defende o direito de decidir o que a mulher fará com ele. Nós acreditamos que o homem precisa deixar o posto de domínio sobre a mulher, ele se sente confortável com isso.

Não há convivência possível entre a revista e o capitão de reserva. Ele provavelmente fará com ela o que a ditadura fez com a Realidade, desde que tenha poder para tanto. Ditadura, aliás, que Bolsonaro sempre defende. A BECOOL precisa reconhecer isso agora – e isso passa por dizer com todas as letras: #EleNão.

Não é apoiar um candidato, nem se envolver com política ou partidos. É apenas e tão somente reconhecer que a democracia é um valor que deve ser defendido sempre contra todas as tentativas de se enfraquecê-la. Se avançamos tanto em termos de comportamento, cultura e liberdades individuais, foi porque não houve um Bolsonaro para impedir.

Mas agora a ameaça está aí e precisamos fazer alguma coisa. E para isso, temos que poder contar com órgãos de mídia que estejam dispostos a nos defender destas ameaças. Eu quero que esta revista seja um deles. Eu quero que meu chefe twite #EleNão.

N. do E.: não é só a Realidade que desafiou a ditadura sendo politicamente tímida. Os jornais de bairro mobilizavam as comunidades contra o abandono do poder público usando como pano de fundo questões como buracos de rua e outras coisas que jornalistas consideram degradantes. Já existem muitas publicações a twittar #EleNão, não é necessário mais uma, ainda mais uma que se baseia em comportamento e cultura.

Os artigos assinados podem ser publicados mesmo que eu discorde deles.

PEG-PAG

POR ALBERTO VILLAS

Lembro-me muito bem do dia em que foi inaugurado o primeiro supermercado em Belo Horizonte. Ele chamava-se Serv-Bem e ficava na praça Diogo de Vasconcelos, hoje Savassi.

No dia da inauguração, fizemos fila pra entrar naquela maravilha que chegava da América do Norte. Daríamos adeus ao Mercadinho Colombo para mergulhar de cabeça no futuro.

Nada mais bacana do que entrar ali no Serv-Bem, percorrer os corredores vendo os mantimentos, as latarias, as frutas e os legumes, ir colocando tudo dentro do carrinho e só pagar na saída.

A gente pegava o pacote de Cremogema, a latinha de presuntada Wilson, o saquinho de Mandiopã, a pasta de dente Kolynos e saía feliz da vida. Havia chegado ao fim aquela história de ter de ir ao Armazém do Seu José e pedir uma lata de biscoitos Aymoré.

A moda pegou naquele início dos anos 1960 e, num piscar de olhos, a cidade foi ganhando vários peg-pags da vida, enquanto os armazéns baixavam suas portas definitivamente.

Desde o Serv-Bem, eu virei fã de supermercado. Tem gente que odeia, mas eu confesso que gosto. Por onde ando nesse mundo afora, sempre entro em supermercados pra ver as novidades. Nessa última viagem, descobri Fanta sabor flor de sambuco num supermercado de Florença, Fanta sabor goiaba na cidade de Pylos, na Grécia, e encontrei leite de égua num supermercado em Paris.

Gosto de ver as novidades, os rótulos, ter surpresas como ver a latinha da Amstel e o tubo da Super Bonder escritos em grego. O que não muda é a danada da embalagem laranja do arroz Uncle Bens, que é igual no mundo inteiro.

A gente sabe que supermercado é uma armadilha. Entramos pra comprar um pacote de manteiga e saímos de lá com uma caixa de cerveja, uma dúzia de bananas, uma geleia importada, quatro iogurtes gregos, um sabão em pó, além de pães quentinhos. Mas mesmo assim eu gosto de supermercado.

Gosto até mesmo de ler as listas de compras esquecidas dentro dos carrinhos.

Achocolatado (tem de ser Toddy)

Vanish do branco

Pinho Sol do roxo

Sabão pra máquina (o mais barato)

Só não gosto daqueles hipermercados que, pra chegar ao pacote de arroz Tio João, você tem de passar antes pelos pneus, televisores, geladeiras, liquidificadores, flores, roupas...

Na verdade, ando meio emburrado nos últimos tempos com supermercados, principalmente esse que tem aqui na esquina de casa. E vou contar o motivo. Antes, era só chegar, escolher os produtos, colocar no carrinho e passar pelo caixa. Coisa rápida.

Agora, ir ao supermercado virou uma coisa tão demorada quanto pagar uma conta na boca do caixa de um banco ou pegar uma fila da megasena acumulada na noite de quarta-feira. Depois de passar uns dez minutos na fila, chega sua vez. Ai a caixa dá um sorrisinho amarelo e faz um questionário e dá ordens:

É cliente mais?

Pode digitar o CPF!

Confirma!

Quer nota fiscal paulista?

No mesmo CPF?

Quer carregar o celular?

Vai querer sacolinha?

Aí você começa a colocar os produtos na sua sacola e, quando termina, mais perguntas:

Qual é a forma de pagamento?

Débito ou crédito?

Pode digitar a senha!

Vai querer selinhos pra trocar por bonecos de pelúcia do Jamie Oliver?

Tem o ticket do estacionamento?

Isso sem contar quando o código de barras não passa na leitora e a caixa é obrigada a dar uma esfregadinha, tenta de novo e começa a digitar aquela centena de números.

Isso, sem contar que, a todo momento, você tromba com um cliente, de olho grudado no celular porque agora você tem de checar os descontos no aplicativo.

Nessas horas dá uma certa saudade de Seu Mario, que tinha um armazém na Rua Grão Mogol e vendia tudo a granel. A gente chegava, pedia um quilo de alpiste, meio quilo de ração pra poedeira, dois quilos de canjiquinha e, em poucos minutos, saía de lá com os pacotinhos de papel na mão. Ali sim, era lugar de gente feliz.

EU NÃO ESTAVA EM ZIGUE-ZAGUE,
SEU GUARDA. APENAS OSCILEI DENTRO
DA MARGEM DE ERRO DE UM METRO
PARA MAIS OU PARA MENOS!



becool

MAIS
+

REVISTAS

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: BBC Brasil, El Pais, Yume Magazine, Nakid Magazine, El Hombre, CartaCapital, Torcedores.com, Sportlode, Deutsche Welle, G1, Adorocinema, Livraria da Folha, Livraria Saraiva e Guia da Semana.

BECOOOL é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

INSCREVA-SE



becool

MAIS
+
EVISTA



becool
pra quem se veste com inteligência

